



24^o Congresso Brasileiro de
PERINATOLOGIA
de 26 a 29 de setembro de 2018
Natal • RN

Trabalhos Científicos

Título: Sífilis Congênita: Prevalência Nos Últimos 10 Anos Em Natal, Rio Grande Do Norte

Autores: PAULA YNDIHANARA MONTEIRO ANDRADE (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)), NIVIA MARIA RODRIGUES ARRAIS, RENACKSON JORDELINO GARRIDO, FABIANA ARISTON FILGUEIRA, SARAH DE LIMA ALLOUFA DA SILVEIRA

Resumo: Introdução: A sífilis congênita (SC) possui amplo espectro de sintomas e gravidade. Apesar de ainda ser subnotificada, é crescente o número de casos no Brasil nos últimos anos. Objetivos: Relatar a prevalência e características epidemiológicas dos pacientes com SC no período de 2007 a 2016 em um Estado brasileiro. Métodos: Estudo descritivo, transversal, por coleta de dados no Sistema de Informações de Agravos e Notificações. As variáveis analisadas foram: casos de SC, regiões de saúde, faixa etária, raça, classificação final, evolução, escolaridade materna, sífilis materna, pré-natal, parceiro tratado concomitantemente. Calculou-se as taxas por total de nascimentos, considerando os nascidos vivos de cada ano no denominador. Foram respeitadas as normas de resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012. Resultados: A prevalência total da doença foi 6,14 a cada 1000 recém nascidos vivos, aumentando nesse período de 2,99 a 9,54 e pico máximo em 2015 (10,43). Os casos ocorreram principalmente na região metropolitana de saúde (81,88), com diagnóstico feito até o sexto dia de vida (96,57) e na raça parda (53,74). A classificação final principal foi: sífilis congênita recente (89,54), tardia (0,24) e ignorado (7,71). O perfil de evolução foi: 93,18 vivos, 2,06 óbitos pelo agravo notificado e 0,38 óbitos por outra causa. Das mães, 31,05 tiveram menos de oito anos de estudo, e 80,16 realizaram pré-natal. O diagnóstico materno ocorreu: 43,92 no pré-natal, 41,85 no momento do parto, 9,44 após o parto. Do tratamento concomitante dos parceiros, 58,25 não foram tratados, 20,86 trataram e em 20,89 não relatados. Conclusão: Traçar o perfil de prevalência da SC permite nortear a gestão dos recursos públicos em saúde para reduzir o problema. O fato da maior porcentagem de casos terem ocorrido na região metropolitana pode estar associada a capital apresentar maiores índices de promiscuidade e uso de drogas, o que reflete o descuido na gestação. A análise dessa informação associada ao grande número (43,92) de gestantes que mesmo sendo diagnosticadas no pré-natal não evitaram a transmissão revela a necessidade de agir principalmente nesse grupo, garantindo acesso ao pré-natal e suporte multiprofissional para o entendimento da gravidade da doença e redução de complicações.